

Crônicas em papel de pão

Faber Num

CRÔNICAS EM PAPEL DE PÃO

FICÇÕES

Copyright © Faber Num
Projeto gráfico (miolo) Alonso Alvarez
Capa Lucas Campos (Indie 6)
Revisão Bárbara Parente

*Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

N914c Num, Faber.
Crônicas em papel de pão / Faber Num [pseudônimo de
Elcias Júnior Moreira Nunes]. – São Paulo: Ficções Editora,
2017.
134 p. ; 14x21 cm

ISBN: 978-85-62226-47-2

1. Crônicas brasileiras. 2. Ensaios brasileiros. 3. Contos brasileiros.
4. Literatura brasileira – Coletânea. I. Título.

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático

Crônicas brasileiras : Literatura	B869.8
Ensaios brasileiros : Literatura	B869.4
Contos brasileiros : Literatura	B869.3
Literatura brasileira : Coletânea	B869.8

2017

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA LTDA.

Rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

Sumário

Prefácio, 13

Depoimentos de leitores, 15

PRIMEIRA PARTE

Ensaios, 17

Quando o amor mata, 19

Os dinossauros no shopping, 21

O café da tarde, 27

A mudança de hábitos, 31

Felicidade clandestina, 33

Uma manhã de dezembro, 35

Nosso mundo, 37

A nossa luta, 39

O inventário das coisas, 41

Adeus, senhor Paulo!, 43

SEGUNDA PARTE

Crônicas, 45

O ausente, 47

As aventuras de Mel, 49

Tara Moura, 51

A coleção de dragões, 55

A paixão na melhor idade, 59

O passeio do dia 21, 65

Mania de você, 69

Panelas arqueológicas, 73

O divã, 77
A sopa, 81
O Muppet, 85
Os sessenta anos, 89
Os selvagens da noite, 93
A mesa com Chico, 95

TERCEIRA PARTE

Contos, 99

A casa, 101
O último romântico, 105
Nas ondas do rádio, 123

Aos meus filhos Anna Júlia, Ámon Gabriel
e Ariana Beatriz.
À minha esposa Solange Guimarães.
À minha mãe Esperança Lopes.
Ao Franklin Wilson e Patrícia (*Motonorte*).
Ao Alonso Alvarez da *Ficções*.
Ao Lucas Campos da *Indie6*.
À Barbara Parente (*revisão de texto*).
Ao Antônio Ferreira Lima (*pelos dicas*).
Ao Jakson da Mata da *Porto de Lenha*.
À Alefe Fauve (*pela sua amizade*).
À Eliane Brito (*pelos anos de dedicação*).
Aos professores pela sua importância.
Aos meus familiares e amigos.

Agradeço ao apoio incondicional do grupo seletivo de pessoas que me ajudaram na concretização desta obra:

Aos amigos na fé → Adamor Cavalcante e Miguelina; Edson Araújo e Luiza; José Dimas e Nelza; Hélio Seixas e Adala; Ivone Nascimento (in memoriam Helder Leite); Wellyngton Miranda e Marina.

Aos amigos de infância e juventude → Arnaldo Júnior; Cláudio Chaparro; Cláudio Oliveira; Elisângela Rocha; Gisely Hauradou; João Ricardo; Marcos Reinaldo; Sheila Nascimento.

Aos irmãos sanguíneos → Elza Nunes e Johny Souza.

Aos amigos de admiração pelas suas vitórias → Aucemira Nahamias (C.E.A); Cristiano Cruz; Floriano Júnior (C.E.A); Dr. José Hilton Barros ; Dr. Jonas Gomes.

*“Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua
mulher, e os dois se tornarão uma só carne.”*

Efésios 5:31

Prefácio

Acredito que todo mundo tem um cantinho especial que goste de estar. Alguns nos jardins, nas praças, no próprio quarto ou no balanço da árvore de seu quintal. Este meu latíbulo especial, assim como o da maioria dos profissionais de letras, são as livrarias, os sebos ou as bibliotecas; pois encontramos uma afinidade especial nesses lugares, apreciamos o universo da criação.

O grande Borges, um escritor, poeta e ensaísta argentino que tanto admiro, certa vez disse que “sempre imaginou que o paraíso fosse uma espécie de livraria”. Uma frase bem significativa! Apesar de que no original Jorge Luis Borges tivesse se referido às bibliotecas.

Ao visitarmos uma livraria, descobrimos um paraíso antes escondido no âmago de seus criadores. Folheamos por horas as páginas dos livros e ficamos encantados com a vastidão de histórias que poderiam cair no rol do esquecimento caso não passassem pelas mãos dos escritores. Da mesma forma, as histórias encontradas neste livro que você tem em mãos, onde terá a oportunidade de viajar no universo do autor como se estivesse junto, em cada acontecimento descrito.

Em *Crônicas em Papel de Pão* nos deparamos com uma linguagem leve, simples, com pitadas de humor e ironia. Com suas crônicas cômicas e concisas, contos ou memórias que se desenrolam num sabor reflexivo, o autor nos leva a situações comuns vividas no dia a dia, como o desdobramento de uma conversa acerca do melhor tipo de café, em *O Café da Tarde*; uma visita às bancas de revistas da Praça Heliodoro Balbi, em *Uma Manhã de Dezembro*; a relação entre Volnito Télaris e uma jovem senhora, em *Panelas Arqueológicas*; ou no briteiro e “especialista” na arte de cagar em latas, em *A Casa*.

De forma peculiar, a narrativa breve do autor, característica comum dos cronistas, apresenta ao leitor uma leitura descontraída, revelando o que normalmente nos passa despercebido na vivência diária.

Jackson da Mata, autor de, entre outros, *A Próxima Cartada* e *O Escalpo da Ribeirinha*.

Depoimentos de leitores

“A escrita é agradável e cuidadosa, bem como muito atrativa, o que desencadeia uma leitura envolvente, uma vez que Faber Num se aproxima de quem lê, característica principal das crônicas, fazendo ainda com que o leitor interaja com os fatos e até se identifique com as ações tomadas pelas personagens, como aconteceu comigo, como se estivéssemos em uma conversa descontraída e informal. O cronista Faber Num dialoga conosco sobre fatos, até mesmo alguns de ordem pessoal com naturalidade.”

Gisely Hauradou

Bacharel em Ciências Econômicas

“As primeiras palavras de “Crônicas em Papel de Pão” são um aceno, um convite a sentar, deixar-se ficar e ouvir com os olhos. Então, cativada sua audiência, o autor Faber Num conduz o leitor na agilidade descontraída e sensível de sua escrita, apresentando histórias e personagens que têm muita carne e alma em sua tinta. Cenários e cenas do cotidiano são desenhados ora com encantadora delicadeza, ora com ironia afiada, mas sem nunca perder a leveza que nos faz sentir o desaguar das páginas como uma agradável conversa com um velho amigo.”

Lucas Odersvank

Arquiteto e Escritor

PRIMEIRA PARTE

Ensaio

O que me faz pensar



Quando o amor mata

Estava sentado ao lado de minha mãe, era uma sexta-feira, conversávamos sobre assuntos familiares. A televisão estava ligada num desses programas policiais que enfatizam uma determinada notícia brutal.

Olhava o programa ao passo que ouvia as palavras de minha velha mãe, contudo, uma cena me chamou a atenção, um homem aparecia no seu quintal, lutando com uma mulher, os dois caíram no chão, o homem aplicou-lhe uma gravata, logo após começou a sessão macabra de violência. Ele bateu onze vezes a cabeça da mulher na calçada de concreto; não satisfeito, desferiu cinco socos no rosto dela; então se levantou, pegou uma pistola e disparou um tiro no rosto da jovem. Embora a moça já estivesse morta, o assassino não conformado pegou uma escopeta e disparou mais cinco tiros contra a vítima. Pessoas próximas a ela afirmam que quatro dias antes o seu algoz firmou um compromisso de noivado.

O amor mata? Ah! Lembrei-me do título do livro do professor Aquias *Quando o amor faz mal*. Tento entender o que levou aquele homem a envolver-se em tamanha barbárie, a ser protagonista do filme de sua própria vida que

antes era uma grande história de prosperidade financeira e romantismo, e agora um pesadelo ou um filme macabro e bestial. Duas vidas destruídas pelo Ciúme e pela Ira, dois dos pecados capitais presentes nos relacionamentos; ou seja de amizade ou seja amoroso.

Faz pouco tempo que a mulher conquistou direitos universais, tais como escolher seu marido, o direito ao voto e ao trabalho diferente do doméstico. No Brasil, através da constituição de 1988, foi homologado o direito de toda mulher administrar seus bens. A lei Maria da Penha foi criada para que se reparasse uma injustiça cometida a todas as mulheres vítimas de violência doméstica, e recebeu este nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, biofarmacêutica, cearense que sofreu duas tentativas de assassinato: uma com um tiro de espingarda enquanto dormia, a outra foi empurrada da cadeira de rodas, pois com o tiro que recebera nas costas ficou paraplégica, e seu marido tentou eletrocutá-la. Após anos de luta judicial e com a pressão que o Brasil sofreu dos direitos humanos internacional foi promulgada a lei 11.304/2006.

Apesar de todas essas conquistas, as mulheres ainda são vítimas de seus companheiros, são mortas por aqueles que juram amor. Um amor assassino que em poucos minutos destrói algo construído em anos.